nara roesler

THE ARMORY SHOW 2024

estande 231

vip preview
quinta-feira, 5 de setembro

aberto ao público
6 – 8 de setembro

javits center
429 11th avenue
nova york, eua

Tomie Ohtake. *Sem título*, 1983 [detalhe]

tomie ohtake

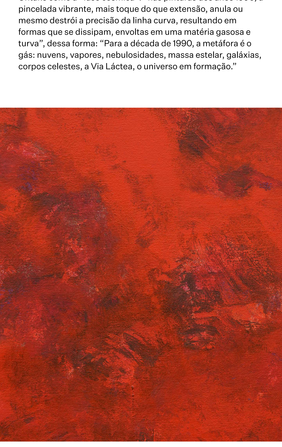
Sem título, 1993
tinta óleo sobre tela
150 x 150 cm

Figura de destaque na arte brasileira da segunda metade do século XX e das primeiras décadas do século XXI, Tomie Ohtake é conhecida por ter produzido uma das obras mais relevantes da arte moderna tardia nas Américas, abrangendo pintura, escultura, gravura, desenho, colagem, direção de arte para o teatro e obras monumentais em espaços públicos. Uma leitura atenta de diferentes estágios da trajetória de Ohtake mostra como a artista mobiliza suas forças desde a dimensão física das pinceladas até os parâmetros da espiritualidade para aproximar o raciocínio construtivo da sensibilidade gestual, obtendo assim uma singularidade estilística fundamental em referências opostas. A "geometria curva" de Tomie Ohtake envolve os modos de existência do círculo em uma extensa tipologia, que gradualmente se tornou mais e mais atmosférica a partir do final da década de 1980.

"Meu trabalho é ocidental, mas é fortemente influenciado pelo Japão, um reflexo da minha formação. Essa influência está na busca da síntese: poucos elementos devem dizer muito" – **Tomie Ohtake**

Sem título, 1995
tinta óleo sobre tela
100 x 100 x 3,5 cm

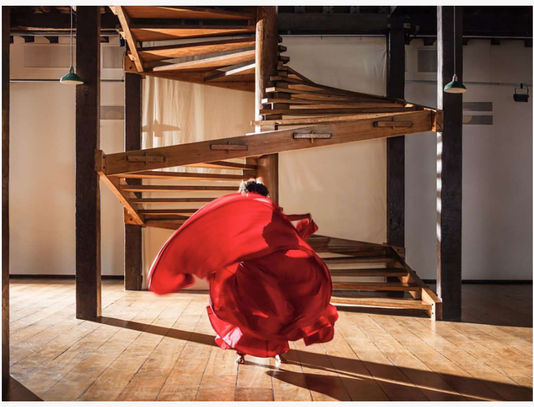
Em *Sem título*, de 1995, o gesto já está muito presente. Se no período anterior a coloração é mais firme e as formas mais claramente delineadas, aqui a natureza geral é mais vaporosa e altamente sugestiva. Nas palavras do crítico e curador Frederico Morais, que cunhou esse momento da carreira de Ohtake como a "fase cósmica": "nas pinturas dos anos 1990, a pincelada vibrante, mais toque do que extensão, anula ou mesmo destrói a precisão da linha curva, resultando em formas que se dissipam, envoltas em uma matéria gasosa e turva", dessa forma: "Para a década de 1990, a metáfora é o gás: nuvens, vapores, nebulosidades, massa estelar, galáxias, corpos celestes, a Via Láctea, o universo em formação."



Sem título, 2013
tinta automotiva sobre
aço carbono tubular
110 x 200 x 210 cm

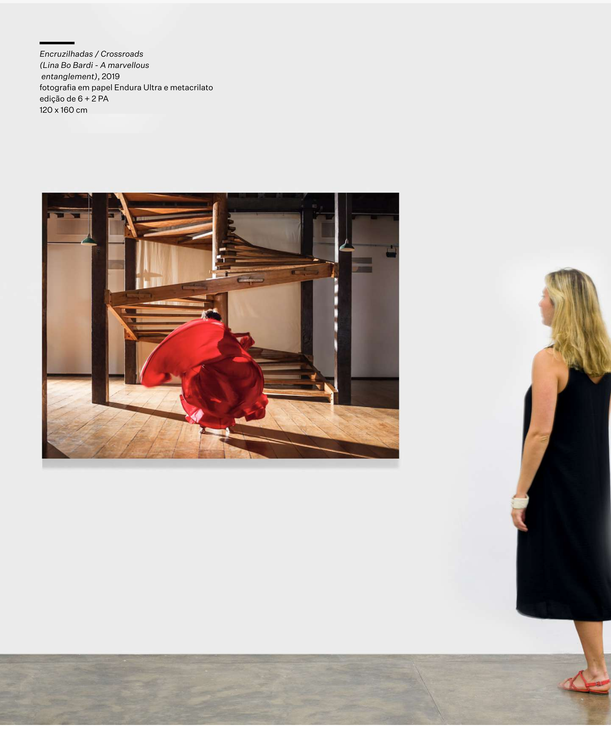
Sem Título, de 2013, faz parte da série de esculturas tubulares desenvolvidas por Tomie Ohtake desde a década de 1990, nas quais formas brancas sinuosas de aparência leve remetem ao traçado do pincel na obra da artista e interagem com o espaço no qual se inserem, se tornando uma espécie de desenho expandido.

mais sobre tomie ohtake →



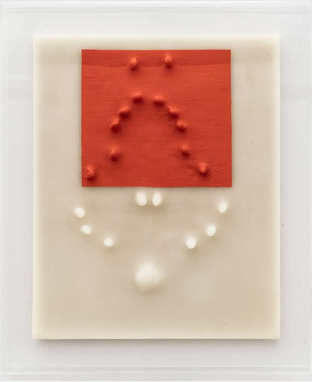
isaac julien

Encruzilhadas / Crossroads (Lina Bo Bardi - A marvellous entanglement), 2019
fotografia em papel Endura Ultra e metacrilato
edição de 6 + 2 PA
120 x 160 cm



Lina Bo Bardi – A Marvellous Entanglement é uma vídeo-instalação em múltiplas telas além de uma série fotográfica que se debruça sobre o trabalho da visionária arquiteta e designer modernista Lina Bo Bardi (1914–1992), nascida na Itália, mas que imigrou para o Brasil em 1946, onde teve um papel bastante significativo no panorama artístico e cultural do país. O filme é inspirado nas histórias oficiais e nas anedotas do trabalho e da vida de Bo Bardi que, ao casar com Pietro Maria Bardi logo após o fim da 2ª Guerra, e mudar-se em seguida para o Brasil, encontrou elementos que impactaram permanente sua profissão e visão de mundo. Bardi se sentiu impelida a aplicar o espírito criativo das culturas populares brasileiras em sua prolífica e sofisticada produção que abarcou a arquitetura, o design de mobiliário, joias, expografias e cenários teatrais, assim como uma potente reflexão teórica. *A Marvellous Entanglement* retrata Bo Bardi em diferentes estágios de sua vida, interpretada pelas aclamadas atrizes brasileiras Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, que ao longo do filme, interpretam textos adaptados dos escritos da arquiteta.

mais sobre isaac julien →



carlito carvalhosa

A obra de Carlito Carvalhosa (n. 1961, São Paulo, Brasil - m. 2021, São Paulo, Brasil) envolve, predominantemente, pintura e escultura. Nos anos 1980, integrou, com Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, o Grupo Casa 7, de São Paulo. A obra de Carlito Carvalhosa (n. 1961, São Paulo, Brasil - m. 2021, São Paulo, Brasil) envolve, predominantemente, pintura e escultura. Nos anos 1980, integrou, com Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, o Grupo Casa 7, de São Paulo. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, tendo em vista a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das "ceras perdidas". Ainda em meados dessa década, fez também as esculturas em porcelana.

A partir dos anos 2000, o artista realizou pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, "colocam nossa presença dentro delas". Não raro, Carvalhosa realizou instalações em que, além das técnicas usuais, utilizava materiais como tecidos e lâmpadas.

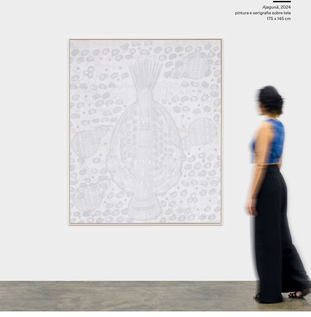
Sem título (P41/19) , 2019
tinta óleo e cera sobre madeira
6 peças de 50 x 40 x 6 cm (cada)

Sem Título (P41/19), de 2019, pertence a um momento da trajetória de Carlito Carvalhosa no qual o artista retoma sua pesquisa com ceras e resinas, explorando suas materialidades. Nesse trabalho, o artista concebe a cera ora como uma zona opaca, marcada por uma materialidade bastante específica e maleável, ora como uma superfície pictórica que contém áreas de luz e cor intensas.

mais sobre carlito carvalhosa →

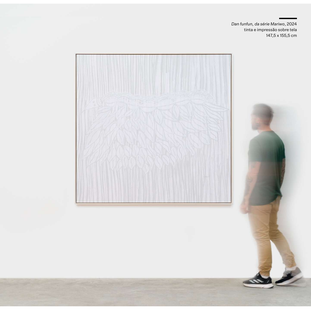
alberto pitta

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhy e o seu próprio, o Cortejo Afro.

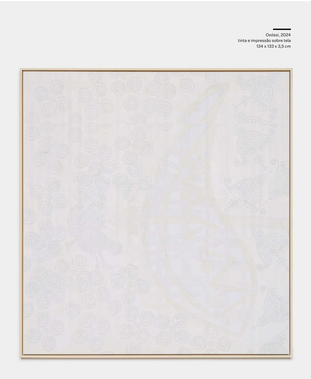


Axaçorá, 2024
pintura e serigrafia sobre tela
175 x 145 cm

Em sua poética, Alberto Pitta representa elementos e simbolismos ligados à espiritualidade e a religiões de matriz africana, fazendo referência direta ao contexto baiano. Se originalmente esses motivos eram trabalhados através do vestuário e da estamparia que realizava para os blocos de carnaval baianos, mais recentemente, o artista tem se dedicado a outras linguagens, como a pintura e serigrafia sobre tela e trabalhos instalativos. A simbologia explorada pelo artista remete em especial à mitologia Iorubá: oriunda do Oeste africano, onde hoje se situam especialmente Nigéria e Benim, e que exerceu grande influência em Salvador e no Recôncavo baiano.



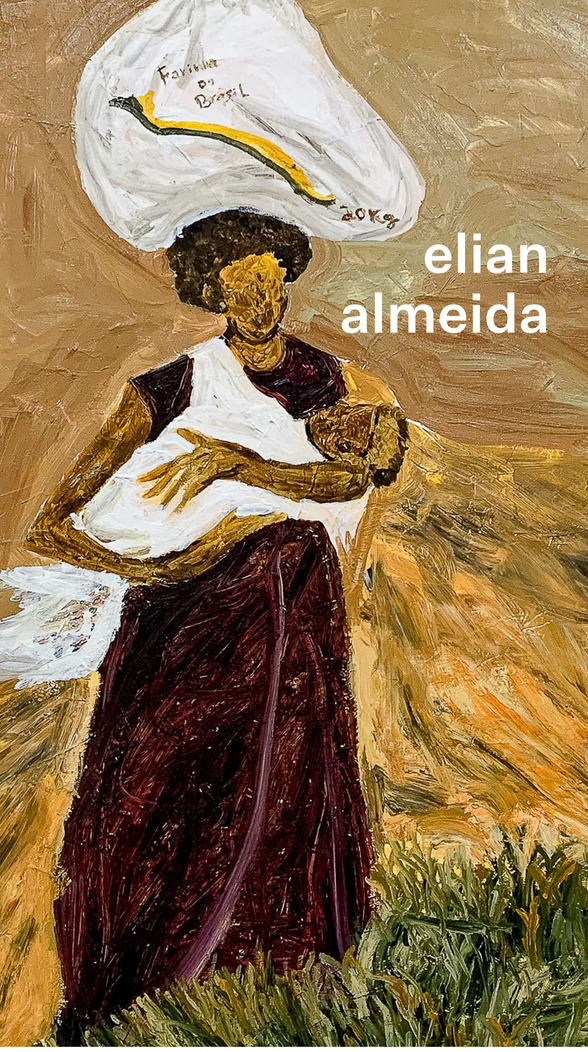
Dan funfun, da série Mariwo, 2024
tinta e impressão sobre tela
147,5 x 105,5 cm



Dobaa, 2024
tinta e impressão sobre tela
134 x 133 x 3,5 cm

Nos últimos anos, debruçado sobre esses simbolismos, Pitta vem explorando novos arranjos cromáticos e possibilidades plásticas. Nos trabalhos da série *Mariwo*, desenvolvidos em 2024, o artista cria composições por meio de diferentes tons de branco. O título da série remete a folha do dendezeiro, amplamente empregada nas portas e janelas de terreiros de candomblé, além de ser associado ao orixá Ogum. O branco, por sua vez, vem sendo trabalhado pelo artista desde 1998. A cor faz referencia a Oxalá, orixá responsável pela criação do mundo e dos homens. Nesse conjunto de obras, Pitta sobrepõe uma série de camadas de tinta branca provenientes de diversas matrizes que utilizou ao longo de sua trajetória. Com predominância branca, as camadas destacam a riqueza de elementos e linguagens presentes no repertório do artista.

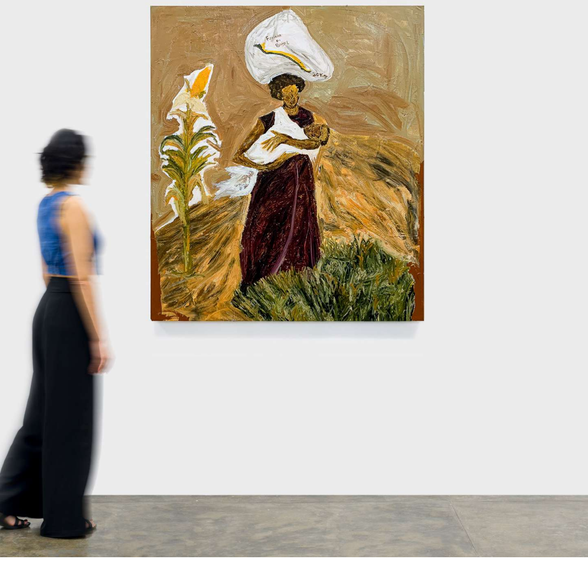
mais sobre alberto pitta →



elian almeida

Elian Almeida (n. 1994, Rio de Janeiro, Brasil) baseia sua prática na convergência de diferentes linguagens, como pintura, fotografia, vídeo e instalação, tornando-se expoente de uma nova geração de artistas produtores de objetos e imagens que reivindicam protagonismo para agentes e corpos usualmente marginalizados em nossa sociedade e na tradição da arte.

Retirante, 2019
tinta acrílica e
óleo sobre tela
150 x 130 x 4 cm



Ao longo dos últimos dois anos, Elian Almeida voltou sua pesquisa pictórica para a representação de personagens importantes da cultura afro-brasileira, em especial aquela que se desenvolveu na Bahia ao longo dos períodos colonial e imperial. Como entre a segunda metade do Século XIX e início do Século XX houve uma grande migração de pessoas negras da Bahia em direção ao Rio de Janeiro, fato fundamental para a consolidação de uma comunidade negra na capital fluminense, as pessoas que participaram desse processo se tornaram objeto da pesquisa do artista, que vem executando retratos individuais e coletivos dessas pessoas e suas práticas culturais.

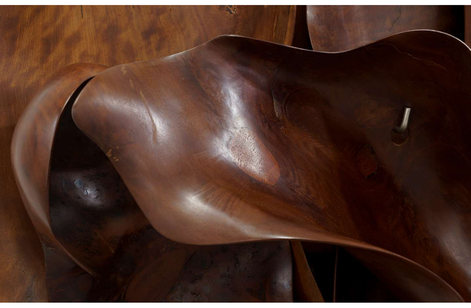
mais sobre elian almeida →

marcelo silveira

A prática de Marcelo Silveira (n. 1962, Gravatá, Brasil) parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados.

Pele XXX, 2023
madeira cajacatinga, cera de abelha e pino metálico
unique
141 x 138 x 51,5 cm

Pele XXX, de 2023, pertence a um conjunto de trabalhos de Marcelo Silveira no qual o mesmo revisita parte de sua história pessoal e também da história de Pernambuco, seu estado natal. Ao visitar um antigo engenho açucareiro que pertenceu a sua família, o artista desmonta algumas estruturas e máquinas utilizadas no mesmo feitas de cajacatinga: madeira resistente a água e amplamente empregada nesse tipo de tecnologia.



Através dos pedaços da cajacatinga: recortados, lixados e por ele articulados entre si, cria diferentes tipos de estruturas, ora verticais, ora penduradas sobre a parede e inclusive penduradas sob o teto. Tais construções, de acordo com o crítico e curador Moacir dos Anjos, aludem: “uma arquitetura precária que parece estar sempre próxima ao desmanche”, além de fazerem alusão a ofícios artesanais característicos do local do Brasil como um todo.

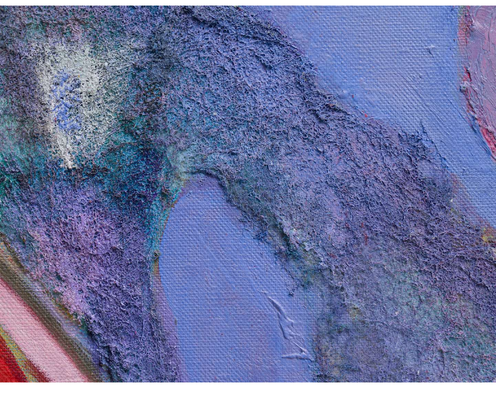
mais sobre marcelo silveira →

cristina canale

Cristina Canale (1961, Rio de Janeiro, Brasil) surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada "Geração 80", sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas.

Sopro, 2023
tinta óleo, tinta acrílica e
colagem de tecido sobre linho
170 x 190 cm

Sopro, de 2023, pertence a um grupo recente de trabalhos de Cristina Canale, no qual a artista revisita sobretudo o gênero do retrato, incorporando a esse tipo de composição um colorido intenso e luminoso, além de fragmentos colados e recortados. Como vem sendo comum em sua produção, a artista acaba por fundir o retrato e a paisagem, criando, nas palavras da mesma, uma espécie de "antirretrato".



mais sobre cristina canale →

marco a. castillo

O cubano Marco A. Castillo (n. 1971, Havana, Cuba) é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tem como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte.

Wakamba II, 2023
cartão
120 x 80 x 21,6 cm

Os trabalhos em baixo-relevo de Marco Castillo surgem em função do interesse que o artista nutre pela história do design modernista latino-americano e especificamente o cubano, como suporte para comunicar a linguagem política e social de uma geração. Tomando-os como referência e ponto de partida, o artista decompõe o pôster tradicional para construir formas retangulares que se abrem para o espectador. A série *Wakamba* se insere nesse grupo de trabalhos e homenageia uma geração de designers e arquitetos que forneceram contribuição importante nesse campo em Cuba nos anos que seguiram à Revolução. O nome da série vem de uma renomada cafeteria da década de 1950 no bairro de Vedado, Havana, para a qual o designer Gonzalo Córdoba concebeu todo o projeto de design de interiores, móveis e ambientes inspirados nas tradições indo-afro-cubanas.

Dictadura vertical IV, 2024
papel, tecido e compensado
de bétula multilaminado
247 x 91,5 x 21,8 cm

mais sobre marco a. castillo →

andré griffo

André Griffo (n. 1979, Barra Mansa, Brasil) demarca sua prática artística – permeada por esculturas, instalações e sobretudo pinturas – a partir da estratégia de relacionar os espaços por ele apropriados com referências históricas e contemporâneas. O artista volta-se para a crítica das estruturas de poder, em especial as ficções por elas criadas para a manutenção do controle dos indivíduos. Griffo nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes, refletindo em sua obra as muitas violências que dão corpo às narrativas hegemônicas da história do Brasil e suas ruínas.

90s, 2024
tinta óleo e acrílica
sobre tela
177 x 133 cm

A poética de André Griffo, em especial a pictórica, consiste na representação de espaços arquitetônicos com perspectiva ilusionista altamente elaborada. Tais espaços, todavia, apresentam quase sempre aspecto inóspito, algo fantasmagórico, e seus interiores em geral trazem algo de arruinado ou envelhecido. Em *80s*, o que se vê é um homem solitário sentado em uma cadeira no chamado Keith Haring Bathroom, situado no LGBT Center, repleto de desenhos e pichações do célebre artista em Nova York.

A luz, presente tanto no ambiente quanto na área externa, visível a partir de uma janela, cria uma atmosfera inóspita. O dinamismo alegre e a sexualidade pulsante dos desenhos do artista oitentista, contudo, contrastam diretamente com a aridez da cena retratada por Griffo.

mais sobre andré griffo →

daniel senise

Daniel Senise (n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil) é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotipias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sem título (L’Orangerie), 2024
monotipia de parede em
tecido e médium acrílico
sobre placa de alumínio
122 x 125 x 5,2 cm

Para os desenvolvimentos mais recentes da série *Museus e Galerias*, essa materialidade concreta, de poeira e detritos, é o foco de imagens que representam espaços vazios e monumentais de museus. Em um lugar onde obras e molduras normalmente são exibidas, nos espaços retratadas pelo artista, elas são apagadas.

mais sobre daniel senise →

vik muniz

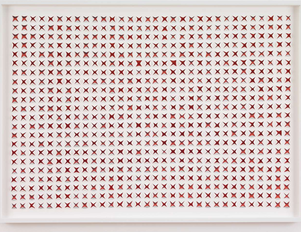
Superfícies: The Meschers, a partir de Ellsworth Kelly, 2019
impressões jato de tinta sobre papel archival montadas em canvas
única
106,7 x 106,5 cm

A obra de Vik Muniz (n. 1961, São Paulo, Brasil) questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Surfaces: Mimosa, after Matisse, 2024
técnica mista
única
115,6 x 76,2 cm

Nos trabalhos da série *Surfaces*, de 2024, Vik Muniz revisita o legado de dois artistas muito importantes na concepção da pintura enquanto superfície plana e passível de ser dinamizada por meio de elementos pictóricos: o francês Henri Matisse e o norte-americano Ellsworth Kelly. Muniz reconstrói trabalhos desses artistas por meio de colagens tridimensionais obtidas com papéis coloridos. Da maneira como faz a releitura das composições, as formas das pinturas parecem ganhar vida e buscam almejar o espaço.

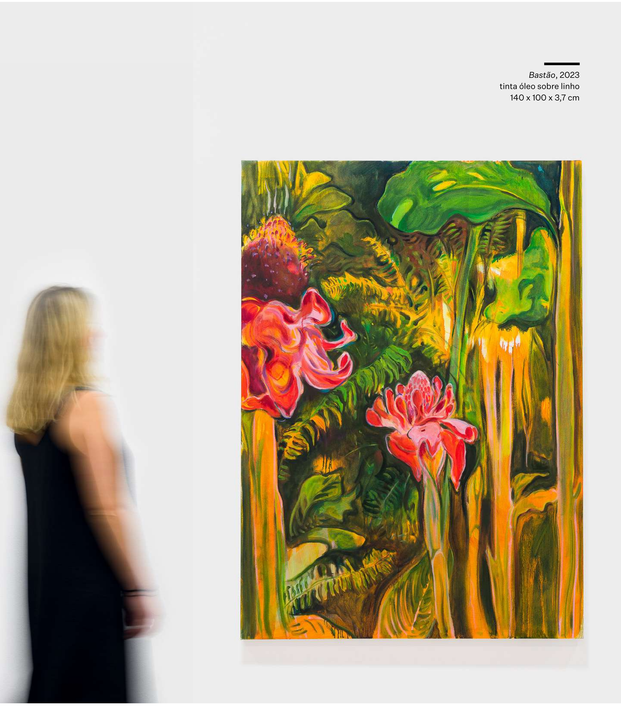
Double Cut Squares (Rust), Handmade, 2024
técnica mista sobre impressão inkjet em papel archival
única
79 x 111 cm



O trabalho *Double Cut Squares* pertence a série *Handmade*, de 2016. O objetivo do artista aqui é trabalhar a questão da superfície na imagem fotográfica, usando para isso como base pinturas e elementos abstratos. Nessa sequência, portanto, Vik cria ilusões se valendo de texturas e elementos ambíguos.

mais sobre vik muniz →

maria klabin



Bastão, 2023
tinta óleo sobre linho
140 x 100 x 3,7 cm

A obra de Maria Klabin (n. 1978, Rio de Janeiro, Brasil) envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência.

Bastão, de 2024, é uma das representações de paisagens com densa vegetação que Maria Klabin vem realizando nos últimos anos. Em grande formato, a mesma é composta de um colorido intenso e luminoso, e representa um arranjo botânico exuberante. A ausência de horizonte ou de referências em escala humana cria uma certa ambiguidade sobre o tema retratado, que pode tanto ser um fragmento de selva quanto um vaso de flores enquadrado muito de perto.

mais sobre maria klabin →

jose dávila

Aporia, 2024
vidro, espelho unidirecional e pedra
187 x 130 x 98,5 cm

Há mais de vinte anos Jose Dávila (n. 1974, Guadalajara, México) tem atuado no campo da escultura, criando trabalhos em que diferentes materialidades são articuladas em arranjos precários. O equilíbrio, alcançado a partir do agenciamento da energia gravitacional, é um dos principais métodos composicionais do artista, assim como a serialidade e o empilhamento, gerando formas que criam tensões não só visuais, mas físicas. A aparente instabilidade de suas peças chama a atenção do público, exigindo uma percepção profunda do espaço e da espacialidade.

Aporia, de 2023, é uma sequência de esculturas cujo título advém de uma expressão utilizada para se definir impasses e situações sem solução. Embora o elemento central de José Dávila seja o campo escultórico, não lhe interessa o caráter muitas vezes "sólido" desse tipo de linguagem, sua atenção se dirige assim à impermanência e a instabilidade. Em sua trajetória, acaba por traduzir plasticamente muitas situações instáveis. No trabalho em questão, vemos dispostos elementos de naturezas muito distintas unidos em uma mesma composição: de um lado, um tubo metálico de aço corten, do outro, um bloco de mármore bruto. Em meio aos estes, um espelho unidirecional. Enquanto um é resultado de longos processos geológicos, outro é produto da técnica e do raciocínio humano. Os dois componentes naturalmente pesados, são unidos pelo espelho, elemento de visível fragilidade, criando assim uma tensão entre ambos.

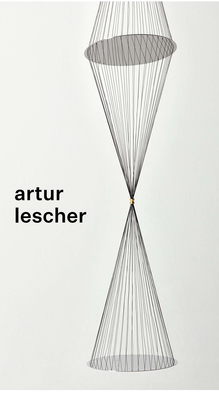
mais sobre jose dávila →

heinz mack

Sem título (Chromatic Constellation), 2020
tinta acrílica sobre tela
157 x 173,5 x 2 cm

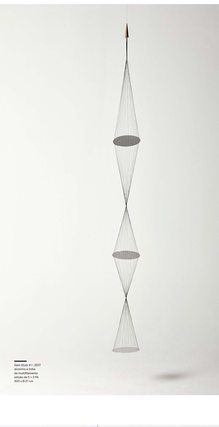
Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre luz, temporalidade e movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel, embora ele também a tenha explorado em pintura no início de sua trajetória. Desde o início da década de 1990, contudo, Mack retomou a prática da pintura dando continuidade à sua pesquisa sobre luz, cor e ritmo. Por meio dessa linguagem, o artista entrelaça luz, cor e movimento de forma intrincada, para que um exista e se valorize pelas qualidades dos outros. Essas obras de Mack caracterizam-se pelo uso cromático de alta consistência, ancorando sua prática na modulação de cor de modo a alcançar aquilo que ele define como vibração cromática.

mais sobre heinz mack →



artur lescher

Artur Lescher (n. 1962, São Paulo, Brasil) destaca-se no cenário da arte contemporânea brasileira por seu trabalho tridimensional. Suas obras transcendem o caráter escultural, cruzando os limites de instalações e objetos para modificar a compreensão dessas categorias e do espaço em que se inserem.



Sem título #1, 2017
alumínio e linha
dimensões variáveis
edição de 5 + 2 PA
300cm x 80 cm

Lo Mio, 2020
latão + cabo de aço
edição de 5 + 2 AP
250cm x 20 cm

Um dos resultados dessa pesquisa são as estruturas suspensas no espaço usando fios multifilamentares, como em *Sem Título #1*, de 2017. Tal estruturação confere a essas obras dinamismo e uma volumetria virtual, criando um diálogo direto com o espaço em que estão inseridas e também com a percepção do espectador.

Tomie, 2021
alumínio e cabo de aço
edição de 5 + 2 AP
240cm Ø 20 cm

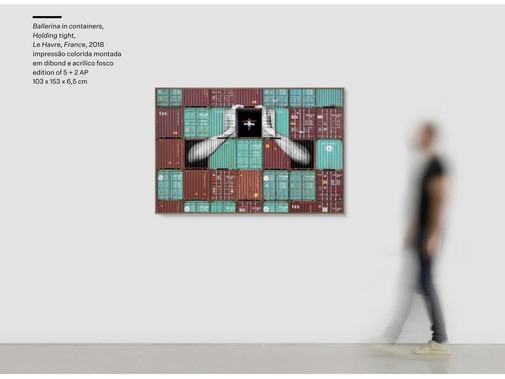
Em *Tomie* e *Xx*, de 2021 e 2022 respectivamente, Lescher trabalha com materiais como alumínio e latão, criando delicadas estruturas suspensas no espaço. Compostas de metal espelhado e variando em espessura ao longo de sua conformação, elas parecem desaparecer e reaparecer no meio do espaço expositivo, criando uma interação entre matéria e vazio.

mais sobre artur lescher →

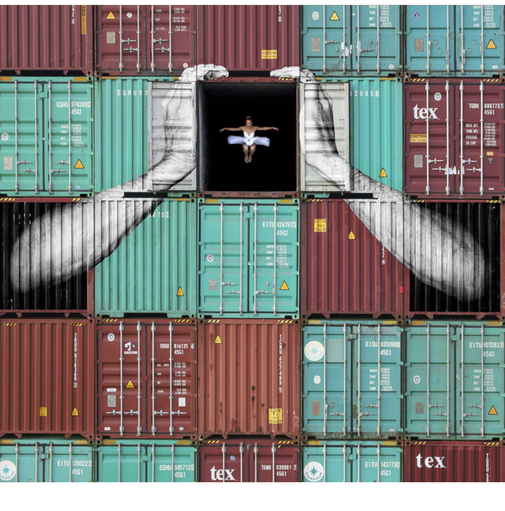
JR

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR (n. 1983, Paris, França) decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar. Em cada um de seus projetos, ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, mas também os fazem.

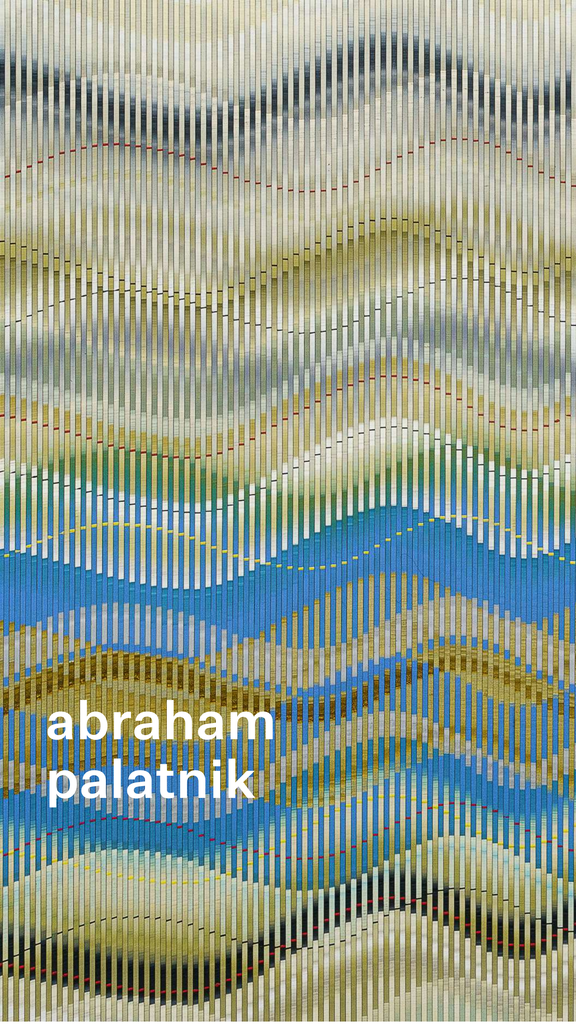
Ballerina in containers, Holding tight, Le Havre, France, 2018
impressão colorida montada em dibond e acrílico fosco
edition of 5 + 2 AP
103 x 153 x 6,5 cm



Ballerina in containers faz parte de seu projeto Women Are Heroes, concluído em 2014, no Porto de Le Havre. JR retorna regularmente ao porto com bailarinas que dançam no espaço. Ao confrontar o movimento delicado de uma bailarina com o pano de fundo duro e industrial dos contêineres, JR cria um diálogo entre dois mundos que, à primeira vista, parecem diametralmente opostos. As obras estabelecem uma conexão entre os movimentos finos e precisos do balé e os gestos repetitivos e automáticos do mundo dos transportes.



mais sobre JR →



abraham palatnik

Abraham Palatnik (n. 1928, Natal, Brasil - m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil) é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. Tendo estudado engenharia, o artista se interessou em investigar os usos mecânicos da luz e do movimento. Em 1949, ganhou destaque com a criação de seu primeiro *Aparelho Cinecromático*, reinventando efetivamente a ideia de pintura ao utilizar lâmpadas de voltagem diferente que se movem em velocidades e direções diferentes para criar imagens caleidoscópicas. A obra foi exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951) e recebeu Menção Honrosa do Júri Internacional por sua originalidade.

W-HB 7, 2018
tinta acrílica e esmalte
sobre madeira
110 x 158 cm

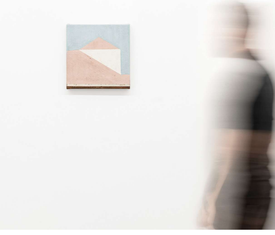
W-H 167 e *W HB-7* pertencem a *Série W*, iniciada por Abraham Palatnik em 2004, um desdobramento da série Relevos Progressivos, na qual o artista explora, através de diferentes materiais, o cinetismo visual. Nessa sequência, Palatnik executa sobre uma placa de madeira, composições de áreas de cor com tinta acrílica. Posteriormente, secciona o suporte verticalmente em partes iguais e movimenta as tiras de madeira em diferentes direções, ressaltando o contraste das cores e criando um efeito visual que acentua os ritmos e dinâmicas internas da pintura.

more about abraham palatnik →

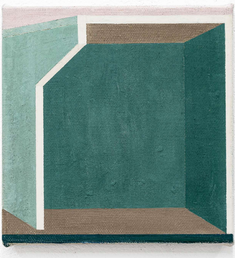
fabio miguez

Fabio Miguez (nascido em 1962, São Paulo, Brasil) iniciou sua carreira artística na década de 1980, quando, ao lado de Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, fundou o espaço artístico Casa 7. Miguez trabalhou inicialmente com pintura, como os outros membros do grupo. Sua formação em arquitetura traz para seu trabalho uma influência construtivista que dialoga com preocupações relativas à escala, material, e figuração. Miguez frequentemente lida com formas modulares em relação à lógica combinatória, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Em seu trabalho, cada pintura é um fragmento do real, na medida em que cada uma reafirma sua condição material.

Sem título, 2002
Óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2 cm



Sem título, 2002
Óleo e cera sobre linho
24 x 24 x 2 cm



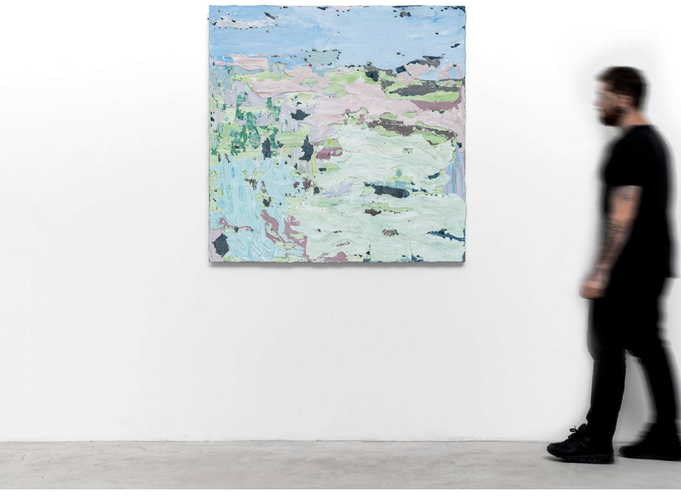
Os exemplos mais recentes de sua pesquisa dividem-se em dois caminhos principais desenvolvidos a partir de fragmentos de seu campo de referência pessoal e afetivo: pinturas de pequeno formato feitas a partir de releituras de fragmentos de obras de mestres renascentistas e experimentos combinatórios e geométricos derivados do planejamento esquemático de volumes. Ao revisitar essas pinturas antigas, Miguez retira os episódios narrativos das representações, dando destaque ao espaço, ressaltando a geometria presente nesses fragmentos deslocados pelo artista.

Sem título (Fria), 2021
Tinta óleo e cera sobre linho
35,4 x 70 x 2,7 cm

mais sobre fabio miguez →

manoela medeiros

Ruína (paisagem), 2022
tinta acrílica, massa acrílica, pigmento mineral e escavação sobre tela
120 x 120 x 5 cm

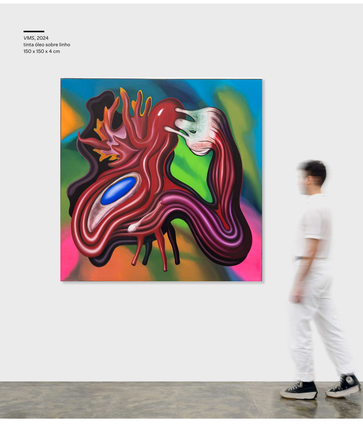


Em seu trabalho, Medeiros (n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil) articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação. Nessa perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações in situ servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador.

Desde 2014, Manoela Medeiros vem realizando a série Ruínas, em que recria artificialmente os efeitos da passagem do tempo sobre superfícies. Esse conjunto de trabalhos surge do interesse da artista pela qualidade pictórica de paredes de espaços abandonados e degradados, dos quais, ela mesma, retirava partes, criando pequenas coleções e tipologias desses fragmentos.

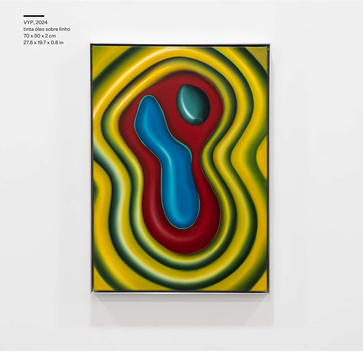
mais sobre manoela meideiros →

rodolpho parigi

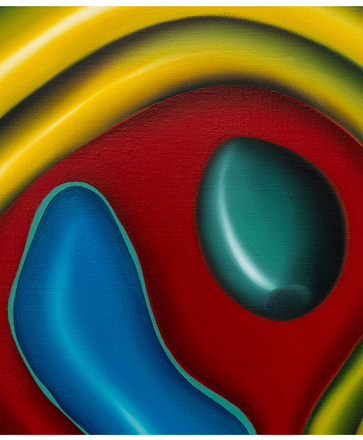


VMS, 2024
tinta óleo sobre linho
150 x 150 x 4 cm

Rodolpho Parigi (n. 1977, São Paulo, Brasil) integra a nova geração de artistas brasileiros que despontou a partir dos anos 2000. O trabalho do artista se faz no espaço limite entre abstração e figuração agenciando uma série de referências que vão desde a tradição da história da arte, com especial atenção à corporeidade barroca de Rubens, mas passa pelo design gráfico, publicidade, ilustrações científicas, cultura pop, pranchas de anatomia e música.



VYP, 2024
tinta óleo sobre linho
70 x 50 x 2 cm
27.6 x 19.7 x 0.8 in



Nos últimos dois anos, a produção de Rodolpho Parigi se voltou para a criação de representações de volumetrias e elementos tridimensionais em um meio bidimensional como a pintura. Tendo como inspiração obras de artistas como Picasso e Tarsila do Amaral, as pinturas de Parigi adquirem um colorido intenso e luminoso, de aparência high-tech, que o artista obtém através de um processo de pintura conhecido como velatura. Ainda que sejam formas densas, sua aparência é maleável e fluída. Nas palavras do artista: “Eu desenho e pinto as figuras com a vontade de transfigurar corpos e ideias pré estabelecidas, confusão de gêneros e a exploração das fronteiras entre imagens reais ou simuladas. Corpos são fundidos e remodelados para transformar a superfície da tela ou do papel, onde contenções e expansões são negociadas dentro do limite físico do suporte”. Nesse sentido, as formas representadas em suas pinturas parecem estar sempre se metamorfoseando.

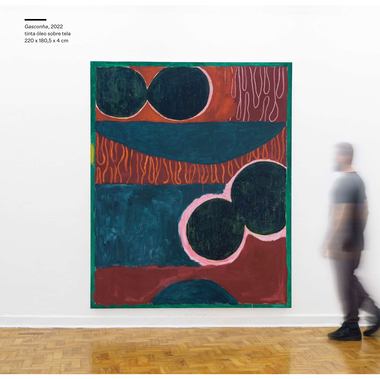
mais sobre rodolpho parigi →

bruno dunley

Sem título, 2023
tinta óleo sobre tela
35 x 40 x 3 cm

A obra de Bruno Dunley (n. 1984, Petrópolis, Brasil) questiona a especificidade da pintura, particularmente em relação à representação e à materialidade. O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Bruno Dunley faz parte de uma nova geração de pintores brasileiros chamada grupo *2000 e 8*. O coletivo, sediado em São Paulo, foi fundado com um interesse comum na pintura, para permitir que seus oito membros desenvolvessem uma abordagem crítica da pintura no cenário da arte contemporânea.

Gasconha, 2022
tinta óleo sobre tela
220 x 180,5 x 4 cm



Gasconha, de 2022, se situa em um momento da trajetória de Bruno Dunley no qual o artista intensifica e enriquece a sua pesquisa sobre cores e pigmentos. Esse interesse foi muito acentuado por conta de um empreendimento iniciado pelo artista, ao lado de seu amigo e também pintor Rafael Carneiro: a marca de tinta a óleo Joules & Joules. A iniciativa, iniciada em 2020, lançou o artista em uma relação minuciosa e altamente experimental com os pigmentos, cujos reflexos ecoam nos trabalhos produzidos especialmente entre 2020 e 2022. Motivado pela busca da luminosidade das cores pelo do uso do óleo, ele opera através das camadas de tinta, raspadas ou por fazer, revelando-nos, em suas pinturas, uma narrativa da matéria.

mais sobre bruno dunley →

lydia okumura

Com trajetória iniciada no início da década de 1970, período em que ganhavam forca no país propostas e trabalhos alinhados com a arte conceitual, Lydia Okumura se utiliza de elementos plásticos puros como base de seu trabalho: linha, plano e cor. Através dessa linguagem mínima, cria jogos óticos que visam mobilizar a percepção sensorial do espectador. Visando uma experiência mais abrangente, a artista muitas vezes se vale de algumas simples linhas, cordas, rabiscos em grafite, de modo a criar intervenções no espaço expositivo. Por conta de seus trabalhos muitas vezes se basearem exclusivamente em propostas e intervenções visuais a serem realizadas em espaços, o site-specific e a instalação são pontos de partida importantes em sua trajetória.

Sem título, 2023
tinta acrílica
sobre papel
56 x 76 cm

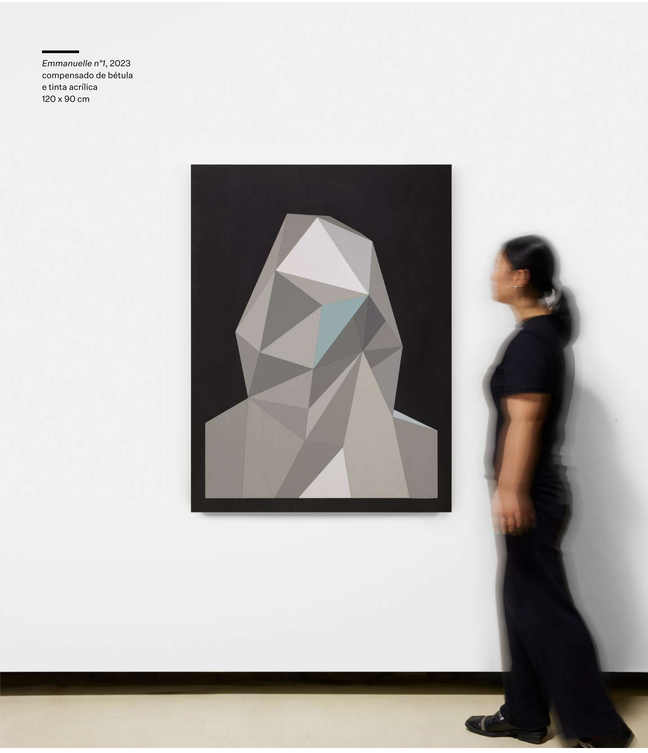
Desde a década de 1980, contudo, Okumura vem realizando trabalhos de natureza pictórica, sobre papel ou tela, como é o caso de *Sem Título*. Neles, a artista transpõe para o plano as mesmas investigações geométricas e formais que realiza no espaço. A ilusão de profundidade, que faz da composição aparentemente tridimensional, traz consigo um sutil tonalismo, que aumenta a verossimilhança da profundidade.

mais sobre lydia okumura →

xavier veilhan

Desde meados dos anos 1980, Xavier Veilhan (n. 1963, Paris, França) cria um aclamado conjunto de trabalhos que transita entre escultura, pintura, instalação, performance, vídeo e fotografia. Sua prática se define pelo interesse tanto pelo vocabulário da modernidade (velocidade, movimento, vida urbana etc.) quanto pela estatuária clássica, à qual ele agregou sua própria reinterpretação contemporânea. Seu trabalho é uma homenagem às invenções e aos inventores de nosso tempo por meio de uma linguagem artística que mistura os códigos da indústria e da arte.

Emmanuelle n°1, 2023
compensado de bétula
e tinta acrílica
120 x 90 cm

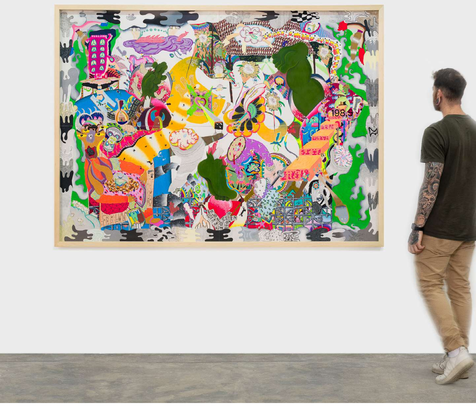


mais sobre xavier vielhan →

thiago barbalho

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho (n. 1984, Natal, Brazil) encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas psicodélicas capazes de abolir a relação figura e fundo. Barbalho entende o desenho como uma tecnologia ancestral, que atravessa eras e culturas.

Pratada Canibal, 2024
lápis de cor, grafite, pastel, caneta esferográfica, marcador permanente, tinta acrílica, tinta óleo e spray sobre papel
138,5 x 198,5 cm



Nas palavras do curador Raphael Fonseca: “o artista apresenta trabalhos que se caracterizam pelo horror vacuum - ou seja, um “horror ao vazio” que nos convida a contemplar imagens cheias de detalhes. Sobre as superfícies de diferentes folhas de papel, Barbalho cria aglutinações de situações, figuras, manchas e traços que se acoplam umas às outras. Vistas de longe, essas imagens se destacam pela presença vibrante da cor, ao passo que, vistas de perto, são como uma trama onde prazer, humor, violência e nonsense se irmanam na justaposição de imagens ricas em possíveis interpretações”.

mais sobre thiago barbalho →

clique para voltar para o início do preview ↑

mais sobre os artistas

tomie ohtake
n. 1913, Kyoto, Japão
m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, em 1913, mudando-se para o Brasil em 1936. Sua carreira artística teve início aos 37 anos quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de descendência japonesa. No final da década de 1950, ao abandonar a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Nessa fase, realizou a série conhecida como Pinturas cegas em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, ela realizou uma primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos esculturais de grande escala, assim como esculturas públicas em São Paulo e cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
• *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
• *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
• *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
• *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas
• *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now,* SFMoMA,
San Francisco, EUA (2024)
• 60ª Bienal de Veneza*, Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere,*
Veneza Itália (2024)
• *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70,* Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
• *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
• *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)
• *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
• *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
• *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection,* Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

selected collections
• Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
• San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
• Tate Modern, Londres, Reino Unido
• Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
• Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
• Mori Art Museum, Tokyo, Japão
• Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
• Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
• Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

isaac julien
n. 1960, Londres, Reino Unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), co-dirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Isaac Julien – Fantôme Afrique,* Ruby City, San Antonio, EUA (2023)
• *What Freedom is to me*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2023)
• *Once Again…(Statues Never Die)*, Barnes Foundation, Philadelphia, EUA (2022)
• *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, EUA (2019)
• *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
• *To the End of the World*, Galerie Forsblom, Estocolmo, Suécia (2018)
• *Ten Thousand Waves*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas
• *Black Diasporas: 21st Century Art and Poeticas,* LACMA, Los Angeles, EUA (2023)
• *Thinking Historically in the Present – Sharjah Biennial 15,* Sharjah, Emirados Arabes Unidos (2023)
• *Sweat*, Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2021)
• 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)
• *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
• *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
• Trienal de Paris, França (2012)
• 7ª Bienal de Gwangju, Coréia do Sul (2008)

coleções selecionadas
• Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
• Centre Georges Pompidou, Paris, França
• Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
• Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
• Tate Modern, Londres, Reino Unido
• SFMoMA, San Francisco, EUA
• Young Museum, San Francisco, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

carlito carvalhosa
n. 1961, São Paulo, Brasil
m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das "ceras perdidas". Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, "colocam nossa presença dentro delas". Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Matter as Image. Works from 1987 to 2021,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
• *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
• *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
• *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
• *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas
• *Sensory Poetics: Collecting Abstraction,* Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)
• *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
• *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary A*rt, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
• 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
• *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
• 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
• 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

coleções selecionadas
• Salomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
• Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
• Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
• Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
• Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
• Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

alberto pitta
n. 1961, Salvador, Brasil
vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhy e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia Iorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: “De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretam a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa”.

exposições individuais selecionadas
- *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro*, Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas
- *24ª Bienal de Sidney*, Sidney, Austrália (2024)
- *O Quilombismo*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)
- *Um Defeito de Cor*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2022)

coleções selecionadas
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

elian almeida
n. 1994, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Elian Almeida tem como principal objeto de sua poética a produção de uma cultura visual ligada a ideia de negritude no Brasil, sobretudo por meio do campo pictórico. Com uma abordagem decolonial, recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extra oficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e a divulgação da historiografia afro-brasileira.

Visando contornar a ausência de referências negras em nossa cultura visual, revisita diversos tipos de imagens, que vão desde pinturas históricas e gêneros consagrados, como o retrato, até aquelas presentes em nosso dia a dia, como capas de revistas e cenas do noticiário. Por meio de poderosas referências negras, individuais ou coletivas, ajuda a propor outras possibilidades de se estar no presente e de projetar futuros possíveis.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Pessoas que eram coisas que eram pessoas,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Antes – agora – o que há de vir*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

exposições coletivas selecionadas

- *Encruzilhadas da arte afro-brasileira,* Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Quilombo: vida, problemas e aspiracoes do negro,* Inhotim, Minas Gerais, Brasil (2022)
- *Atos de revolta*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Nova vanguarda carioca*, Cidade das Artes, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Crônicas cariocas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Enciclopédia negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Arte naïf – Nenhum museu a menos*, Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Mostra memórias da resistência*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Bela verão e Transnômade Opavivará*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Novas poéticas – Diálogos expandidos em arte contemporânea*, Museu do Futuro, Curitiba, Brasil (2016)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de Sao Paulo, Sao Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

marcelo silveira
n. 1962, Gravatá, Brasil
vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, ressignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto, obras por Marcelo Silveira*, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor, Museu da Imagem e do Som* (MIS), São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)
- *35º Panorama da Arte Brasileira*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Modos de ver o Brasil*: Itaú Cultural 30 anos, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *10ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- *29ª Bienal de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2010)
- *4ª Bienal de Valência*, Espanha (2007)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

cristina canale
n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada "Geração 80", sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets.
Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhardt Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda "a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular".

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Memento Vivere,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *The Encounter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

exposições coletivas selecionadas
- *Co/respondencias: Brasil e exterior*, Nara Roesler, New York, USA (2023)
- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft*, Lichthof – Auswärtiges Amt, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum No Hero, Delden, Países Baixos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Hall Art Foundation, Reading, EUA
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

marco a. castillo
n. 1971, Havana, Cuba
vive e trabalha entre Havana, Cuba e Madri, Espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de "geração esquecida", como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- Propriedad del estado, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- The Decorator's Home, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019)
- El susurro del palmar, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- La cosa está candela, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- Los Carpinteros, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- Ciudad Transportable, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001)

exposições coletivas selecionadas
- Sin Autorizacion: Contemporary Cuban Art, Columbia University, Nova York, EUA (2022)
- On the Horizon: Contemporary Cuban Art from the Jorge M. Pérez Collection, Pérez Art Museum Miami, Miami, EUA (2018)
- Everyday Poetics, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)
- Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- Alchemy: Transformations in Gold, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017)
- Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015)
- The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- Bienal de Havana, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- 13ª Bienal de Sharjah, EAU (2017)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

andré griffo
n. 1979, Barra Mansa, Brasil
vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

A pesquisa de André Griffo é voltada para a pintura e suas relações históricas com a representação da arquitetura. Longe dos grandes discursos panfletários, o artista nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes de suas imagens que refletem as muitas violências que dão corpo às narrativas relativas às histórias do Brasil e suas ruínas. Nesse sentido, suas telas são complexos arquivos visuais onde coexistem os mais diversos elementos, cujas relações são capazes de ressignificar e aprofundar as críticas ali presentes. O trabalho de Griffo volta-se para a crítica das estruturas de poder, em especial sobre as ficções por elas criadas para a manutenção do controle dos indivíduos. Entre elas, o artista volta-se às permanências dos efeitos da economia escravocrata na formação histórica brasileira, assim como aos mecanismos das instituições religiosas na fundação de imaginários que visam a submissão dos fiéis.

Griffo utiliza sua formação em arquitetura para elaborar espaços em que coexistem referências históricas e contemporâneas. Seus espaços, usualmente vazios, são habitados por rastros, símbolos e signos que destacam a permanência e influência do passado em problemáticas socioculturais atuais de modo fantasmático. Sua produção entrelaça o documental e o ficcional, explorando a conexão entre as disciplinas da História da Arte e da Arquitetura às questões sociais, brasileiras e mundiais. Ao sobrepor diversas temporalidades e suas complexas realidades, os trabalhos de Griffo expõem elementos constitutivos da sociedade de modo a criar relatos sobre a permanência das coisas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Voarei com as asas que os urubus me deram*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Objetos sobre arquitetura gasta*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Intervenções pendentes em estruturas mistas*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2015)
- *Predileção pela alegoria, Galeria Athena, Rio de Janeiro, Brasil (2015)*

exposições coletivas selecionadas

- *Essa cidade sempre maravilhosa,* Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Sobre os ombros de gigantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc Vídeo Brasil, São Paulo, Brasil (2019)
- *Intervenções*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Ao amor do público*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Aparições*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Instabilidade estável*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2013)

coleções selecionadas

- Denver Art Museum, Denver, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

daniel senise
n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como "construção de imagens". O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotipias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Biógrafo: Daniel Senise,* Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2023)
- *Verônica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Todos os Santos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- *Pinacoteca do Estado de são Paulo, São Paulo, Brasil (2009)*
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)
- *Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México (1994)*
- Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

exposições coletivas selecionadas
- *18ª, 20ª, 24ª e 29ª Bienal de Sao Paulo, Brasil (1985, 1989, 1998, 2010)*
- *11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011)*
- *44ª Bienal de Veneza, Itália (1990)*
- *2ª Bienal de La Habana, Havana, Cuba (1986)*

coleções selecionadas
- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

vik muniz
n. 1961, São Paulo, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação
Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, "sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para 'ler' uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento".

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Flora Industrialis,* Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas
- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images,* Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion,* Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society,* Museum of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the "la Caixa" Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

maria klabin
n. 1978, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

A obra de Maria Klabin envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e reunir constantemente desenhos, fotografias e anotações que ela extrai de seu entorno. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho "como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura, mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores."

Maria Klabin oscila entre extremos no que diz respeito a escala de seus trabalhos, produzindo pinturas ora pequenas, ora monumentais, a depender da natureza do tema abordado. Suas telas em reduzidas dimensões costumam servir de suporte para os fluxos rápidos de pensamento – como anotações em papel, que possivelmente tomam proveito do seu inconsciente – e capturam, efetivamente, o ritmo de seu entorno. Suas pinturas em grande formato, por sua vez, incorporam percepções de cunho mais contemplativo e onírico. Recentemente, Klabin produziu uma série de pinturas de paisagens que se aproximam da escala do mural, partindo de fragmentos de elementos autobiográficos, destilados do que ela descreve como uma improvável e fluida colcha de retalhos da memória, o que resulta em composições não atraentes e assustadoras que escapam a objetividade.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Liquid Air*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Paisagem com Casinha*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Entre rio e pedra*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *E o dia havia acabado, quando começou*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas
- *Abrasive Paradise*, Kunsthal KADE, Amstersfoort, Países Baixos (2022)
- *In Waiting: Works Produced in Isolation*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *Já estava assim quando eu cheguei*, Ron Mandos, Amsterdam, Holanda (2020)
- *Festival de Arte Contemporânea*, SESC VideoBrasil, São Paulo, Brasil (2012)
- *Novas aquisições da Coleção Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Rumos 2005/06 Paradoxos Brasil*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2006)
- *Além da imagem*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2006)

coleções selecionadas
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

jose dávila
n. 1974, em Guadalajara, México, onde vive e trabalha

Há mais de vinte anos Jose Dávila tem atuado principalmente no campo da escultura, criando trabalhos em que diferentes materialidades são articuladas em arranjos precários. Seus trabalhos, também se desdobram na produção de imagens em diferentes mídias como o desenho, a pintura e a gravura. O equilíbrio, alcançado a partir do agenciamento da energia gravitacional, é um dos principais métodos composicionais do artista, assim como a serialidade e o empilhamento, gerando formas que criam tensões não só visuais, mas físicas. A aparente instabilidade de suas peças instaura um estado de atenção que apura nossa percepção do espaço, também posta em cheque ao nos conduzir a encarar os elementos empregados em sua construção sob diferentes perspectivas, observando como são capazes de fazer coexistir a brutalidade e a fragilidade, a forma orgânica e forma artificial, a organização e o caos, a ameaça e o convívio.

A prática de Dávila se baseia em abordagem original das propriedades fundamentais do meio escultórico, tais como peso, densidade, forma, solidez, volume e massa. A esses aspectos somam-se as características das próprias matérias, que podem ser empregadas em estado bruto, como rochas, ou após terem passado por processos industriais, como estruturas de metal, concreto e vidro, fazendo do trabalho do artista o resultado expressivo da vontade construtiva humana. Articulando diferentes objetos, muitas vezes com auxílio de cordas e fios, ou apoiando-os um nos outros, o artista dá protagonismo às forças físicas, explicitadas pela relação de dependência entre as formas e fazendo-nos notar os diversos ritmos propostos pelas dinâmicas e tensões internas à sua configuração.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Um pirata, um poeta, um peão e um rei,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Las piedras saben esperar,* Centro Internazionale di Scultura, Peccia, Suíça (2021)
- *Directional Energies,* Dallas Contemporary, Dallas, EUA (2020)
- *Pensar como una montaña,* Museo Amparo, Puebla, México (2019)
- *Non tutti quelli che vagano sono persi,* Museo del Novecento, Florença, Itália (2018)
- *Die Feder und der Elefant,* Kunsthalle Hamburg, Hamburgo, Alemanha (2017)
- *Jose Dávila: The Object and the Environment,* Jumex Museum, Cidade do México, México (2016)

exposições coletivas selecionadas
- 16ª Bienal de Lyon, França (2022)
- 22ª Bienal de Sidney, Austrália (2020)
- 13ª e 12ª Bienal de Havana, Cuba (2019 e 2017)
- *Walking Through Walls,* Gropius Bau, Berlim, Alemanha (2019)
- *Cher(es) ami(e)s,* Centre Georges Pompidou, Paris, França (2016)
- *Panorama. Foreigners everywhere,* Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2009)
- *Eco. Mexican Contemporary Art,* Museo Nacional Centro de Artes Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha (2005)

coleções selecionadas
- *Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA*
- *Centre Georges Pompidou, Paris, França*
- *Pérez Art Museum, Miami, EUA*
- *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha*
- *Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil*
- *Hamburger Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha*

de volta ao trabalho do artista ↑

heinz mack
n. 1931, Lollar, Alemanha
vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: "O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos."

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *The light in Me,* Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
• *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza, Itália (2022)
• *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
• *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
• *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture*, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
• *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
• *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
• *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
• *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

exposições coletivas selecionadas
• *Parallel inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)*
• *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)*New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
• *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
• *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
• *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950s–60s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
• *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
• 35th Venice Biennale, Itália (1970)
• *Documenta II* (1959) and *Documenta III* (1966), Kassel, Alemanha

coleções selecionadas
• Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
• Centre Georges Pompidou, Paris, França
• Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
• Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
• Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
• Tate, Londres, Reino Unido

de volta ao trabalho do artista ↑

artur lescher
n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou "a inquietude", como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a "suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada."

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Artur Lescher*, Instituto Artium, São Paulo, Brasil (2023)
• *Observatório*, Farol Santander, Porto Alegre, Brasil (2022)
• *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
• *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
• *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
• *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

exposições coletivas selecionadas
• 3rd Forever is Now, Pirâmide de Gizé, Egito (2023)
• Form Follows Energy, Lago / Algo, Cidade do México, México (2022)
• Tension and Dynamism Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
• Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
• Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
• El círculo caminaba tranquilo, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
• The Circle Walked Casually, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas
• Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
• Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
• Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
• Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

JR
n. 1983, Paris, França
vive e trabalha entre Paris, França e Nova York, EUA

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar. Os retratos que cria trazem expressões questionadoras, penetrantes, observadoras e solenes, que chamam nossa atenção e permanecem na nossa consciência por muito tempo após terem sido vistas. JR concebeu e realizou filmes, instalações, intervenções e trabalhos em diferentes linguagens, colaborando, muitas vezes, com o New York City Ballet, OSGEMEOS, Agnès Varda, Robert De Niro, e muitos outros artistas.

Ao desenvolver seus projetos, JR se esforça para envolver as populações locais na realização de suas proposições. O artista chama a atenção do público, para além dos visitantes típicos de museus, ao espalhar seus trabalhos nos edifícios de Paris, nas paredes do Oriente Médio, nas pontes quebradas da África ou nas favelas do Brasil. Em cada um de seus projetos, ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, mas também os fazem. Mulheres idosas tornam-se modelos por um dia e crianças transformam-se em artistas por uma semana. A prática de JR não separa atores de espectadores e promove o encontro entre o sujeito/protagonista e o transeunte/intérprete, levantando questões, criando vínculos sociais, reunindo comunidades e conscientizando pessoas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *O papel da mão,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *JR: Chronicles,* Lotte Museum of Art, Seul, Coréia do Sul (2023)
- *JR: Chronicles*, Kunsthalle, Munique, Alemanha (2022)
- *JR: Chronicles*, Saatchi Gallery, Londres, Reino Unido (2021)
- *JR: Chronicles*, Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2019)
- *Momentum. La Mécanique de l'Épreuve*, Maison Européenne de la Photographie, Paris, França (2018)
- *Chroniques de Clichy-Montfermeil*, Palais de Tokyo, Paris, França (2017)
- *Kikito*, fronteira México-EUA (2017)
- *JR at the Louvre*, Musée du Louvre, Paris, França (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Forever is Now*, Pirâmides de Gizé, Gizé, Egito (2021)
- *JR, Adrian Piper, Ray Johnson*, Museum Frieder Burda, Berlim, Alemanha (2019)
- *Refuge*, 21c Museum, Bentonville, EUA (2019)
- *Post No Bills: Public Walls as Studio and Source*, Neuberger Museum of Art, Purchase, EUA (2016)
- *Tu dois changer ta vie*, Tripostal, Lille, França (2015)

coleções selecionadas

- Brooklyn Museum, Brooklyn, EUA
- Château La Coste, Aix-en-Provence, França
- Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Palais de Tokyo, Paris, França
- San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

abraham palatnik
n. 1928, Natal, Brasil
m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismobrasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual.
O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
• *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
• *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
• *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
• *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
• *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

exposições coletivas selecionadas
• *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
• *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
• *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
• *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

coleções selecionadas
• Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
• Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
• Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
• Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
• William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

de volta ao trabalho do artista ↑

fabio miguez
n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem zero* (2013). Sua pesquisa passa a se debruça sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinando os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série *Atalhos*, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série *Volpi*, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos) – Fábio Miguez*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Alfredo Volpi & Fábio Miguez: Alvenarias,* Gladstone 64, Nova York, EUA (2023)
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7*, Pivô, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

manoela medeiros
n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações *in situ* servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador. Em uma perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação.

Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- O carnaval da substância, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- Concerto a céu aberto, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- L'étre dissout dans le monde, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- Poeira varrida, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- Falling Walls, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

exposições coletivas selecionadas

- Afirmacão - Brésil, l'affirmation d'une generation, La Galerie du Jour, Paris, França (2023)
- Arqueologias no presente, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- Recycler / Surcycler, Fondation Villa Datris, L'Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
- Reservoir, 019, Ghent, Bélgica (2020)
- Vivemos na melhor cidade da América do Sul, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
- Hall-statt, Galeria Fortes D'Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
- In Between, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
- 11º Abre Alas, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

de volta ao trabalho do artista ↑

rodolpho parigi
n. 1977, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Rodolpho Parigi integra a nova geração de artistas brasileiros que despontou a partir dos anos 2000. O trabalho do artista se faz no espaço limite entre abstração e figuração agenciando uma série de referências que vão desde a tradição da história da arte, com especial atenção à corporeidade barroca de Rubens, mas passa pelo design gráfico, publicidade, ilustrações científicas, cultura pop, pranchas de anatomia e música. Essa última, junto com a dança, é responsável por orquestrar a dinâmica dos gestos que criam suas figuras, ainda que o resultado se verifique muito mais no dinamismo das formas e da estrutura do que nas marcas do pincel sobre a superfície.

Rodolpho Parigi opera uma transfiguração singular calcada no excesso em que fragmentos de imagens e formas das mais diversas origens configuram-se na tela pelo uso de cores saturadas e luminosas que enfocam um futurismo retrô. O controle na execução e a organização apurada da composição provém de estratégias ornamentais que negam qualquer perspectiva tradicional e não deixam o olho descansar, levando-o a percorrer incessantemente o quadro. Nas pinturas de Parigi o *high tech*, presente na temática, encontra o virtuosismo da centenária técnica da pintura a óleo; assim como o orgânico, que não diferencia homem e animal, funde-se com a artificialidade da máquina, criando um provocativo efeito de estranhamento.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Latexguernica*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Fancy Performance*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2017)
- *Levitação*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *El Bestiario*, Sketch, Bogotá, Colombia (2014)
- *Casa Modernista*, São Paulo, Brasil (2013)
- *Febre,* Pivô, São Paulo, Brasil (2013)
- *AtraQue*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Da humanidade: 100 artistas do acervo*, Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil (2020)
- *Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Unanimous Night*, Contemporary Art Centre (CAC), Vilnius, Lituânia (2017)
- *LOL Levels of Life 1-2*, Artspace, Auckland, Nova Zelândia (2014)
- *Works on Paper*, Rabitthole Space, Nova York, EUA (2011)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado (MAB-FAAP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

bruno dunley
n. 1984, Petrópolis, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Clouds*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Virá*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
  e Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013)
- *11bis Project Space*, Paris, França (2011)

exposições coletivas selecionadas
- *The rains are changing fast,* The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA (2024)
- *Aberto 02,* Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil
- *Mapa da estrada: novas obras no Acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque (CCP), São Paulo, Brasil (2020)
- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
- *AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *139 X NOTHING BUT GOOD*, Park – platform for visual arts, Tilburg, Paises Baixos (2018)
- *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900–2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporáneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

coleções selecionadas
- The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

lydia okumura
n. Osvaldo Cruz, Brasil, 1948
vive e trabalha em Nova York, EUA

Lydia Okumura iniciou sua carreira artística na década de 1970. Tendo inicialmente se interessado pela cerâmica, cursou artes plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) entre 1970 e 1973, momento em que tomou contato não apenas com o legado deixado pela abstração geométrica brasileira, como também com movimentos artísticos internacionais que lhe eram contemporâneos, como a Arte Conceitual, cada vez mais forte no Brasil, e o Minimalismo. Dessas investigações, surgem trabalhos em diferentes suportes, como desenho, serigrafia, litografia e xilogravura, se destacando em especial as obras instalativas site-specific, que constituem parte bastante expressiva de sua poética. Ao lado de Genilson Soares e Francisco Inarra, entre 1970 e 1974, integrou o grupo Equipe3, através do qual realizou trabalhos e ações, além de ter participado da 12ª Bienal Internacional de São Paulo (1973).

Com uma pesquisa visual baseada em elementos abstratos essenciais: planos, linhas e cores, a artista estuda as relações estabelecidas entre eles, mas levando em conta um componente extra e crucial em seu trabalho: o espaço expositivo. Utilizando materiais como cordas, chapas de ferro, lápis e carvão, cria obras que transitam entre o bidimensional e o tridimensional, projetando-se da parede para o espaço de exposição.

exposições individuais selecionadas

- *Lydia Okumura,* Hall Art Foundation, Hildesheim, Alemanha (2022)
- *Lydia Okumura,* Galeria Jaqueline Martins, São Paulo, Brasil (2021)
- *Volume 84,* Galerie Thaddaeus Ropac, Londres, Reino Unido (2019)
- *Situations,* Scottsdale Museum of Contemporary Art, Scottsdale, EUA (2018)
- *Five Sides and Other Dimensions,* Broadway 1602, Nova York, EUA (2017)
- S*ituations,* UB Art Galleries, Buffalo, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *This Must be the Place,* Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Dimensions of Reality: Female Minimal,* Galerie Thaddaeus Ropac, Paris, França (2020)
- *The Women Geometers,* Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2019)
- *Light, Line, Color and Space,* UB Art Galleries, University of Buffalo, EUA (2018)

coleções selecionadas

- Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA
- Museum of Modern Art, Nova York, EUA
- The University of New York, UB Anderson Gallery, Buffalo, EUA
- Akron Museum of Art, Ohio, EUA
- Museo Reina Sofia, Madrid, Espanha
- The Hall Art Foundation, Derneburg, Alemanha
- The Hara Museum of Contemporary Art, Tokyo, Japão
- Guggenheim Museum, Dubai, Emirados Árabes Unidos

de volta ao trabalho do artista ↑

xavier veilhan
n. 1963, Lyon, França
vive e trabalha em Paris, França

Desde meados dos anos 1980, Xavier Veilhan cria um aclamado conjunto de trabalhos que transita entre escultura, pintura, instalação, performance, vídeo e fotografia. Sua prática se define pelo interesse tanto pelo vocabulário da modernidade (velocidade, movimento, vida urbana etc.) quanto pela estatuária clássica, à qual ele agregou sua própria reinterpretação contemporânea. Seu trabalho é uma homenagem às invenções e aos inventores de nosso tempo por meio de uma linguagem artística que mistura os códigos da indústria e da arte. Veilhan agencia uma variedade de técnicas e materiais para produzir retratos tridimensionais e paisagens, bestiários
e arquiteturas que oscilam entre o familiar e o extraordinário.

Para o artista, arte é "uma ferramenta visual através da qual devemos olhar para entender nosso passado, presente e futuro". Suas exposições e intervenções *in situ* em cidades, jardins e casas questionam nossa percepção ao criar um envolvente espaço ambulatório no qual a plateia se transforma em participante ativo. Sua estética revela um contínuo de forma, contorno, fixação e dinâmica que convida o espectador a uma nova leitura do espaço e, assim, da criação de um repertório completo de sinais, o teatro da sociedade.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Xavier Veilhan,* Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Plus que pierre*, Collégiale Saint-Martin, Angers, França (2019)
- *Romy and the Dogs*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2019)
- *Nuit Studio Venezia*, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2018)
- *Xavier Veilhan, Yuksek, Caterina Barbieri & Carlo Maria, Le Comte, Jonathan Fitoussi – Cine-concert*, Le Lieu Unique, Nantes, França (2018)
- *Reshaped Reality: 50 years of Hyperrealist Sculpture*, Museo de Bellas Artes de Bilbao, Bilbao, Espanha (2016)
- *Cedar*, Andrehn-Schiptjenko, Estocolmo, Suécia (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Tout l'univers*, TNB Rennes, Rennes, França (2023)
- *Humain, animal: se reconnaître,* Musée de L'abbaye, Saint Claude, França (2022)
- *Kinetismus: 100 years of Art and Eletricity,* Kunsthalle, Praga, República Tcheca (2022)
- *Rêve Électro*, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2019)
- *Calling for a New Renaissance*, Joakim & Xavier Veilhan, Villa Aperta 8, Villa Medici (2018), Roma, Itália
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918–2018*, Olivier Malingue, Londres, Reino Unido; Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Fondation Ilju, Seul, Coréia do Sul
- Israel Museum, Jerusalem, Israel
- New National Museum of Qatar, Doha, Quatar

de volta ao trabalho do artista ↑

thiago barbalho
n. 1984, Natal, Brasil
vive e trabalha em São Roque, Brasil

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas que parecem radicalizar e dotar de um ar contemporâneo e lisérgico o universo fantástico de Hieronymus Bosch.

Segundo a crítica e curadora Kiki Mazzuccheli: “Ao trabalhar essencialmente com desenho, Barbalho produz composições extremamente intricadas, porém não planejadas, nas quais uma multiplicidade de imagens, símbolos e campos de cor se fundem umas nas outras para criar superfícies vibrantes ininterruptas”. O aparente caos de suas imagens surgem do vagar do gesto que traceja, recusando a submeter-se às lógicas formais ditadas pela racionalidade. De fato, deparamo-nos em seu trabalho com fragmentos diversos, uma profusão de referências de diferentes esferas, da cultura pop à tradição da história da arte, desierarquizando categorias e a própria relação entre figura e fundo.

Com formação em Filosofia, Barbalho se ampara em conceitos da disciplina para guiar sua prática. Nesse sentido, ele entende o desenho como uma tecnologia ancestral, que atravessa eras e culturas, sendo uma invenção da espécie humana, qualificando-a. Sua pesquisa visual vê no desenho o rastro de uma presença e da relação entre a mente – a imaginação –, e o corpo – o gesto –, entre a consciência e a realidade.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas
- *Depois que entra ninguém sai*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Correspondência*, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brasil (2019)
- *Thiago Barbalho*, Kupfer Project Space, Londres, Reino Unido (2018)

exposições coletivas selecionadas
- *Phantom Dance: Thiago Barbalho and Theodore Ereira Guyer,* Elizabeth XI Bauer, Londres, (2023)
- *Mapa da estrada: Novas obras no acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Electric Dreams*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *AVAF*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocambole*, Pivô, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocambole*, Kunsthalle Lissabon, Lisboa, Portugal (2019)
- *Voyage*, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2017)
- *Shadows & Monsters*, Gasworks, Londres, Reino Unido (2017)

coleções selecionadas
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

nara roesler

são paulo
av europa, 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art
www.nararoesler.art